

... no tempo de antes, moços, o automóvel não era uma máquina que nem hoje, não; era a onça parda...

Mario de Andrade

Assis Chateaubriand

## O índio e o homem do planalto

O tema é vasto. Não o exploraria. Mas Lina Bo pretende um artigo, para **Habitat**, e me trouxe, com o pedido, a sugestão. Uma artista da lucidez de Lina Bo viu logo no aborígene a matéria prima de novas inspirações artísticas, a contribuição valiosa à causa da cultura. A civilização cosmopolita do litoral, de que são expressão grandes cidades megapolitanas, como São Paulo e Rio, perdeu contato com uma das fontes das origens das nossas populações. São Paulo é hoje o planalto, onde o homem branco, procedente do outro lado do Atlântico, acampou, transmitindo ao brasileiro a forte herança cultural de que era portador. O crescimento das populações se faz, porém, pela interação, pela reciprocidade de influências. O estudo do povoamento do planalto, na pesquisa de fontes antigas e contemporâneas, põe à mostra a extraordinária influência do elemento nativo, no desenvolvimento da colonização, no povoamento da região que iria a ser predestinada às mais audaciosas iniciativas, e na formação de usos e costumes, que se cristalizaram em São Paulo.

Prolífico, o português da colonização se ligou aos aborígenes e deu origem ao mameluco. Segundo os cronistas do primeiro século, entre os quais, Frei Gaspar da Madre de Deus, os lusitanos demandavam à Colônia sem mulheres; mandavam buscá-las, depois, com os filhos. “Nêsse interim”, acentua o professor Florestan Fernandes, “cohabitavam com as índias, o que acontecia, ainda antes de se casarem ou quando noivos. A origem da gente do planalto tem êsse cruzamento no seu ponto de partida. O mesmo autor assinala, ainda, que os “Inventários e Testamentos” constituem um rico manancial de dados, para documentar êsse longo processo de miscegenação, que começou com a chegada dos portugueses e culminou no aparecimento das mais ilustres famílias de S. Paulo”. A influência do índio e sua participação na formação da sociedade de São Paulo não se reduziu a uma situação de passividade biológica. Sem levar em consideração o romantismo do século XIX, que fez a falsificação do aboríge, criando o indianismo como ideal de vida, segundo o figurino romântico, tivemos, sempre, no índio brasileiro, um elemento ativo, na formação de padrões bem definidos. Num excelente estudo, que publicou há tempos, o professor Florestan Fernandes, especialista no assunto, defendeu a tese segundo a qual “a colonização de São Paulo pelos portugueses resultou em grande parte das condições em que se processaram os contatos com os povos aborígenes”. “Os brancos”, prossegue o autor, “ficaram segregados na área litorânea, tendo pequenas probabilidades de satisfazer a todas as necessidades econômicas e de exploração de produtos coloniais. A conquista da “região mediterrânea” determinou uma alteração capital na situação de contato, pois deu aos brancos o controle de algumas fontes básicas de subsistência

e criou condições mais favoráveis à sujeição das tribus “aliadas” e “inimigas”.

A tese é fascinante. Os aborígenes deram base econômica aos colonizadores, que puderam, assim, sair do litoral e entrar pelo sertão. A incorporação do índio à civilização iria ser, porém, mais decisiva, como influência, através da literatura filosófica e política, que preparou o advento dos tempos revolucionários da segunda metade do século XVIII. Seria excessivo sumariar aqui toda essa influência, que os leitores de Montaigne e Rousseau tão bem conhecem, e que o ensaísta Afonso Arinos de Mello Franco condensou num estudo, ao qual deu o sugestivo título de “O Índio Brasileiro e a Revolução Francêsa”. Na teoria, tão bela quanto falsa, da bondade natural, encontramos o índio, e se quisermos pesquisar mais profundamente a inadaptabilidade do capitalismo, tal como foi ele conhecido na Europa, e magistralmente estudado por Sombart, chegaremos à conclusão de que teve êle no aborígene brasileiro um dos seus mais eficientes fatores. Não informou, por exemplo, a êsse respeito o padre Claude (apud Mello Franco), “que os naturais do Brasil não comerciavam e tinham profundo desprezo pelas moedas, surpreendendo-se todos, mesmos aqueles que visitaram a Europa, com a importância ansiosa, que os brancos emprestavam àquelas rodela vis de metal amarelo”?

Os vícios da civilização e os desvios da cultura, para os despenhadeiros do erro, que já impressionavam os homens de pensamento do século XVII, poderiam ser neutralizados pela ingenuidade do índio. Era o que se pensava. A candura do aborígene valia como refugio.

É impossível, nos limites de um artigo, analisar, sequer a voo de pássaro, a complexidade dessa tese. Mas é incontestável que a contribuição do índio foi muito forte na formação do homem do planalto, na sua mentalidade, no sentido, como diz Pitirim Sorokin, que imprime à sua vida. Desapareceu o índio, confinado aos sertões de Goiás, Mato Grosso e Amazonas, mas ficaram as instituições, que êle ajudou a fecundar, embora o cosmopolitismo e a inter-relação das correntes migratórias as tenham muito alterado. Conserva, ainda, o índio, no seu inocente primitivismo, reservas de precolombianismo, que vale a pena salvar, pelo menos para estudos, que, até agora, não pudemos ou não soubemos elaborar. O amor à terra, à tribo, no índio, ninguém vence. Quiçamos adotar os indiozinhos, que vieram do sertão para a festa do Centenário. Foi impossível. Disse-nos o sertanista Vila Bôas que êles não saem da tribo, de maneira nenhuma.

Numa fase histórica de deslassamento moral, êssa solidariedade é comovente, e inspira estudos que façam, de novo, vir a ser o índio, o elemento capaz de fornecer recursos humanos para o povoamento dêste solo.

Deveríamos insistir em ir buscar na selva, sem trabuco nem propósitos de escravização, o elemento, que foi uma das peças da carpintaria humana nacional.





Foto Gautherot.

Didijokeh, Ilha do Bananal, Goiás.